

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

LOT (Ferdinand). — **Recherches sur les effectifs des armées françaises des Guerres d'Italie aux Guerres de Religion.** Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Collection Bibliothèque Générale.

Como é sabido, Ferdinand Lot consagrou em 1946 dois grossos volumes à **L'Art Militaire et les Armées au Moyen Âge en Europe et dans le Proche-Orient** (Payot, 1946. 464 + 506 pp.), e um dos problemas que mais o preocupava era aquêles dos erros cometidos pelos historiadores na apreciação dos efetivos militares. Êle sempre desejou fazer uma pesquisa nesse sentido além da Idade Média, pelo menos até a Guerra dos Trinta Anos. A presente obra representa, pois, uma síntese do que êle escreveu nos últimos anos da sua vida sobre os exércitos franceses desde as Guerras da Itália até as Guerras de Religião.

Eis como no prefácio êle define seu propósito e as dificuldades por êle encontradas:

"L'importance des effectifs dans l'histoire de l'art de la guerre est capitale. Pour avoir accepté sans contrôle les évaluations des historiens antiques et modernes, la physionomie des guerres de l'Antiquité et du Moyen Âge a été profondément altérée (...). L'abondance des renseignements, mémoires, traités techniques, actes législatifs, etc., pour le XVIIe siècle, peut faire croire que ces causes d'erreur ont disparu. Elles ne sont qu'atténuées. Trop souvent les forces militaires sont appréciées "à l'estime" par les chroniqueurs contemporains et la correspondance. Même les édits des souverains fixant les contingents sont mal exécutés, et la réalité ne correspond jamais à l'intention. On a, il est vrai, des pièces comptables qui permettent de contrôler l'effectif d'une armée lors de la "monstre", c'est-à-dire de la revue passée par les trésoriers des guerres (...). Mais trop souvent, au moment de la revue, l'effectif est grossi par des "passes volantes" recrutées par des officiers peu scrupuleux (...). Il arrive aussi que les Etats de l'armée soient pris par l'historien, parce qu'ils revêtent un caractère officiel, pour des tableaux sincères, alors que, en réalité, ils peuvent ne représenter que des vœux, des souhaits auxquels la réalité ne répond qu'imparfaitement. Les budgets, dits Etat général des finances sont entachés des mêmes illusions. Ce n'est que par le contrôle réciproque de ces derniers moyens d'information que nous pouvons, sinon établir des effectifs rigoureusement exacts, du moins serrer la vérité de plus près".

Para as principais campanhas e batalhas do período estudado, Ferdinand Lot fez um interessante paralelismo entre as crônicas e o que foi escrito pelos autores contemporâneos, assim como estampa documentos (alguns publicados em revistas ou monografias muitas vêzes inacessíveis) ainda inéditos dos quais publica largos trechos. E' portanto uma obra muito interessante e a recomendamos vivamente aos nossos leitores.

E. S. P.

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

HEERS (J.). — Gênes au XV siècle. Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. VIe Section. Collection "Affaires et Gens d'Affaires".

O estudo da economia genovesa no século XV permite fazer remontar a essa data, nesse meio de negócios tão particular, o advento do grande capitalismo. As técnicas do comércio e do banco anunciam as da época moderna: moeda de papel, moedas de bancos, giro de letras, câmbio e endosso, seguros, sociedade por ações, e bolsa de valores mobiliários.

Mas Gênova, cidade marítima, estreitamente confinada nas suas montanhas, mostra ainda estruturas sociais anacrônicas; conhece o drama das transformações demasiadamente rápidas e difíceis. Em lugar algum aliás, numa Itália sempre cheia de contrastes, não se afrontam tão nitidamente, tão próximas, o mundo feudal com seus senhores instáveis e o dos grandes burgueses, mercadores ou banqueiros: interesses, mentalidades, estilo de vida, formam oposição, às vezes violenta, que marca toda a vida social duma cidade que está longe de ser ajuizada.

Trata-se, pois, de livro extremamente interessante para quem se inicia no estudo do capitalismo.

E. S. P.

*

COORNAERT (Émile). — Les Français et le commerce international a Anvers. Fin du XVe-XVIe siècles. Paris. Librairie Marcel Rivière. 2 vols., in 8.º, com ilustrações fora do texto, numerosas gravuras e mapas. 446 + 354 páginas.

Apesar de numerosas pesquisas e coletas de dados muitas vezes extremamente precisos, a história do comércio do século XVI ainda permanece cheia de lacunas e de simplificações mais ou menos incertas. Essas imprecisões perturbam muitas vezes a nossa visão sobre o papel desempenhado por diversos países europeus no desenvolvimento da economia e de suas técnicas.

A presente obra do Prof. Émile Coornaert procura resolver êsses inconvenientes e se fundamenta, para isso, em vasta documentação encontrada em Antuérpia.

Após breve apresentação da dupla, franceses e Antuérpia, no conjunto europeu da época, reuniu o Autor num vasto estudo os principais traços das condições gerais, intelectuais, morais e econômicas das trocas comerciais, destacando a ação das cidades e dos Estados (administração, política e guerras).

O Prof. Émile Coornaert procurou num breve relato mostrar o aspecto real do "século de ouro" de Antuérpia e sua implicação sobre toda a Europa dessa época.

Numa segunda parte estudou o Autor os franceses, cuja zona de influência se fazia sentir muito além dos limites do reino da França. Em Antuérpia, sua situação diferia daquela dos outros estrangeiros, na sua maioria organizados "em nações". Essa divisão por povos é

ilustrada por abundantes listas de mercadores recenseados em Antuérpia: mais de 520 parisienses, 450 mercadores de Ruão, 420 de Lille, 260 de Toulouse, 40 albigenses, etc. Estas listas revelam uma grande variedade de aptidões e atividades mercantis.

A terceira parte da obra é consagrada aos homens, às mercadorias e às técnicas. Aos mercadores e seus auxiliares se impunha então a necessidade da sua presença nas transações, pela incessante mudança de local de venda das mercadorias que procuravam as feiras. Nos circuitos percorridos pelas mercadorias aparece de maneira sensível a divisão da economia em diversos setores. As técnicas também estavam em plena transformação e se apresentavam de modo desigual de um país para o outro: a Idade Média só cedia o terreno ocupado palmo a palmo, mas a sociedade moderna foi tudo avassalando paulatinamente.

Dêsse trabalho emerge um esboço sumário dos lugares ocupados pelos grandes autores da economia em formação. Em linhas gerais, verifica-se que em face da Itália que já começa a retirar-se da cena, a Inglaterra prepara-se para assumir o primeiro lugar e Amsterdão inicia então um grande desenvolvimento em detrimento de Antuérpia. O livro do Prof. Coornaert mostra precisamente o eminente papel desempenhado por Antuérpia e a atuação dos franceses nesse sentido.

O sumário da obra do Prof. Émile Coornaert é o seguinte:

TOMO PRIMEIRO:

Introdução: A Europa ao findar a Idade Média. As grandes zonas e as capitais do comércio.

Livro Primeiro: Antuérpia e a França no fim do XV e XVI séculos. As condições das trocas comerciais da França com o estrangeiro, especialmente com Antuérpia.

Antuérpia e os outros portos dos estuários. O "século de ouro" antuérpiano.

Livro Segundo: Os franceses e Antuérpia. Estudos das diferentes regiões da França.

Os antuérpianos na França.

Conclusões: Economias regionais e economia nacional. Técnicas e progresso do comércio com Antuérpia.

Lista dos mercadores franceses.

TOMO SEGUNDO:

Livro Primeiro. Terceira parte: Os mercadores, sua condição, seus auxiliares.

As mercadorias, as correntes comerciais, o comércio do dinheiro, a circulação das mercadorias.

A compra e venda. Instalações materiais. Mercados e feiras. Bólsa de Antuérpia. As modas de venda. O crédito. A contabilidade. As contestações e as jurisdições.

As comunicações e transportes.

CONCLUSÕES:

Índice de nomes de pessoas e de lugares.

Índice analítico — Peças justificativas.

Fontes e bibliografia. Mapas e gráficos.

Ilustrações fora do texto. Gravuras.

Recomendamos vivamente a obra do nosso mestre Émile Coornaert que é essencial para quem queira estudar o desabrochar do capitalismo moderno.

E. SIMÕES DE PAULA.

*

GILLE (Bertrand). — **Le Conseil Général des Manufactures.** Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. Collection "Affaires et Gens d'Affaires".

A representação dos interesses econômicos pelos conselhos governamentais é coisa bem antiga. Henrique IV já tinha pensado nisso. Durante todo o XVIII século o Conselho do Comércio desempenhou essa função dentro do quadro do Conselho do Rei. Napoleão, desde 1802, retomou a idéia e criou o Conselho Geral do Comércio, para onde as Câmaras de Comércio, igualmente renascentes, enviavam seus delegados. Tendo o Bloqueio Continental provocado certa hostilidade da parte desse Conselho, o Imperador quis contrabalançar a sua influência organizando o Conselho Geral das Manufaturas, composto principalmente de grandes industriais. A Restauração, temendo o liberalismo do mundo de negócios, terminou a triologia criando o Conselho Geral da Agricultura. O sistema censitário favorecia a representação dos interesses econômicos na Câmara e tornava menos ativos esses três Conselhos. O abaixamento do censo, uma política aduaneira mais liberal lhes deu uma certa importância. Mas, por temor de oposição, a Monarquia de Julho espaçou as sessões dos três Conselhos agora reunidos num só. Eles sobreviveram, entretanto, sob formas diversas, até o atual Conselho Econômico, do qual são eles os ancestrais diretos.

Formado unicamente de representantes da grande indústria, o Conselho das Manufaturas teve sessões regulares de 1810 a 1829, numa época em que a grande empresa capitalista fazia sua aparição. O inventário analítico das atas dessas sessões facilitará o estudo dum instituição interessante, mas bastante esquecida. A simples leitura dessas análises fornece múltiplas indicações sobre os problemas levantados pela grande indústria nascente: organização industrial, questão obreira, problemas técnicos, aspectos financeiros, expansão exterior. Verificamos o aparecimento aí dum protecionismo feroz, que se julgava indispensável no início do crescimento industrial. Essencial em todos os arquivos, esta obra é um indispensável instrumento de trabalho que interessará os economistas, os historiadores, os sociólogos e todos aqueles que se ocupam da ciência política.

E. S. P.

*

TURIN (Yvonne). — **Miguel de Unamuno, universitaire.** Paris. S. E. V. P. E. N. Collection Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études. VI^e Section. 1962. VII + 145 pp.

Que contribuição pode o historiador oferecer ao estudo da vida e da obra de Miguel de Unamuno? Esse espanhol não foi principalmente um filósofo, um escritor ou simplesmente um jornalista? Foi tudo isso e mais do que isso um universitário, um homem profundamente preocupado com sua profissão e com o desempenho perfeito do seu trabalho. A época em que viveu obrigou-o a refletir com ansiedade sobre o que poderia ser a sua responsabilidade e a dos seus colegas para com o progresso, a estagnação ou os defeitos em que vivia mergulhada a sua pátria. À essa reflexão Unamuno teve a coragem de unir a ação.

Este é o fim deste trabalho: encontrar Unamuno, não às voltas com a sua inteligência, mas com a vida real e longamente quotidiana.

Depois da sua vida estudantil, através das primeiras experiências professorais, e de reitor em seguida, o mestre de Salamanca seguiu com a sua busca sobre o valor e o sentido da sua profissão. Apesar da sua destituição, apesar do seu exílio, quaisquer que fossem as tristezas que lhe inspiraram a vida política espanhola na sua volta, ficou ele persuadido que um professor que dispõe, para se fazer compreender, não só duma cátedra, mas também das tribunas que são a imprensa, a literatura, as salas de conferências, para educar a sua pátria, deverá fazê-lo por todos os meios possíveis. Por isso foi obrigado a abandonar, na Espanha sobretudo, uma erudição estéril, luxo de países ricos. Na Península, essa mensagem será tanto mais eficaz quanto o professor possa se "hispanizar" o mais possível, a fim de poder, sem risco, mergulhar na vida europeia. Como fazer, entretanto, aquêle que deveria, a fim de preparar o futuro, ensinar outra coisa além daquilo que conheceu, não ficar dependente do seu passado e não deixar assim, desarmada em face do futuro, a juventude de que foi encarregado de educar?

Em 1936 Unamuno lançou um último apêlo a essa juventude a fim de que ela salvasse o seu país da tragédia que tinha sido preparada pelos ancestrais. Sem dúvida, ele desejou e acreditou que a sua palavra fôsse ouvida...

E. S. P.

*

MILLER (William). — **Nova História dos Estados Unidos**. Trad. de Thomaz Newlands Neto. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte. 1962 — 1a. edição de 401 pp.

O livro que ora resenhamos apresenta-se dividido em 14 capítulos, além de uma introdução e de uma bibliografia. A introdução é Frank Friedel, na qual ele procura nos familiarizar com a obra, justificando o nome do livro: Nova História do E.U.A. Julgamos que esta introdução deveria ter o título de prefácio, pois se presta principalmente a apresentação do autor e obra e não de uma introdução ao trabalho propriamente dito. Salvo má interpretação de nossa parte, acreditamos que este lapso possa ser corrigido em futuras edições.

Os catorze capítulos que se seguem à introdução, nos pareceram muito interessantes, pois mostram a preocupação do autor em situar os E.U.A. dentro do continente americano, como um guia e orientador em face do mundo oriental.

Gostamos muito do primeiro capítulo — no qual faz o autor, embora de maneira um pouco condensada e dêsse modo de leitura um pouco difícil — que ressalta principalmente como Frank Friedel o disse ser, uma obra para o grande público, uma obra de divulgação, em cujo capítulo introdutório nos dá um relato de tôda Europa nos fins da Idade Média e na época dos descobrimentos marítimos. Faz cuidadosa exposição a respeito do desenvolvimento do Islamismo e das modificações que essa seita introduziu no mundo ocidental.

Nos capítulos seguintes mostra William Miller, a influência da famosa lenda do “El Dorado”. Posteriormente nos conduz, sempre de maneira honesta e caprichosa como se desenvolveu os Estados Unidos da América do Norte desde as primeiras lutas, até os nossos dias.

Capítulo que nos chamou a atenção foi o destinado ao que chamou de “Morganização”, no qual cuida também da Classe Média americana e seu papel dentro da vida norte-americana. Ainda nos leva a observar de maneira nova o Bolchevismo, e nos apresenta o mundo de hoje, o mundo conturbado do século XX, capítulo em que demonstra as preocupações de nosso mundo ocidental em face do que possa ser uma guerra termo-nuclear.

Além dos 14 capítulos, apresenta ao final uma bibliografia extensa, na qual encontramos farta matéria para estudos de grande interesse, partindo do presente livro. A indicação dos livros e fontes primárias está cuidadosamente apresentada, o que valoriza sobremaneira a obra a que nos referimos. Podemos dizer mesmo que se não fôra a apresentação diferente da matéria, e o cuidado do autor, bastaria êle nos ter apresentado esta bibliografia para darmos muito valor à obra.

Tem, entretanto, contra si, o fato de que é um autor americano defendendo, em certos momentos, a posição de seu país e se tornando dessa maneira, um pouco parcial em suas análises e conclusões. No conjunto entretanto, se diluem essas particularidades e o compêndio de História dos Estados Unidos se apresenta recomendável.

A impressão é cuidadosa, embora façamos ressalvas ao tipo de letra empregado. Letras muito pequenas e composição “espremida”, o que dificulta a leitura, em boa parte. Justifica-se pelo alto custo do papel, e julgamos que a editôra assim procedeu para evitar o encarecimento da obra.

Em síntese, tratando-se de uma obra de divulgação, julgamo-la boa e a recomendamos ao grande público que deseja conhecer melhor o povo dos Estados Unidos.

JOSE' SEBASTIÃO WITTER

ALVES (Marieta). — **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**. Publicação n.º 16 do Museu do Estado da Bahia. 1962. Imprensa Oficial da Bahia. 83 pp., 5 ilustrações.

O Museu do Estado da Bahia tem sua coleção enriquecida com a publicação de **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**, ensaio documentário e crítico elaborado pela pesquisadora Marieta Alves.

Uma nota introdutória esclarece tratar-se de uma seleção de artigos divulgados, semanalmente, pelo conceituado periódico de Salvador, **A Tarde**. Artigos revistos e ampliados, tanto pela transcrição de documentos, como por comentários os mais eruditos pela própria autora, cujos escrúpulos de historiadora autêntica, somente foram vencidos, graças ao pressionamento da entidade responsável pela publicação. Esse esclarecimento exclui a crítica que, por acaso, se poderia fazer, da inexistência de um plano central, frente à fragmentação dos temas ventilados. Mesmo assim, dentro de suas possibilidades, Marieta Alves procurou oferecer um roteiro àquêles que se aventurarem na floresta, ainda indevassável das atividades artesanais abordadas no passado colonial de nossa terra. E fez precisamente no I capítulo, ao abordar o malsinado **Alvará de 20 de outubro de 1621**, extensivo a tôda Colônia, cujas fabulosas riquezas ainda não haviam sido descobertas. Esse Alvará determina que:

“...nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto podia exercer o cargo de ourives”.

Determinação seguida de Cartas e Ordens Régias também catalogadas pela pesquisadora baiana, sendo que lhe mereceu maior ênfase, as medidas drásticas e desumanas, que identificam o instrumento de **25 de janeiro de 1752**, sôbre o arruamento dos ourives que, ao justificar a sua transcrição, declarou lamentar não poder tratar da mesma maneira os outros documentos que haviam chegado às suas mãos.

Sente-se-lhe marcante inquietude, perplexidade mesmo, ao confrontar o malsinado Alvará acima citado, com a recente Exposição do Museu de Arte Sacra, inaugurado em agosto de 1959, no vetusto Convento de Santa Teresa. Museu, como se sabe, organizado e dirigido por Dom Clemente Maria da Silva-Nigra, monge benedito dos mais eruditos e autoridade das mais respeitadas em estatuária imaginária.

Nesse local pode-se admirar, lembra D. Marieta,

“...um reflexo do que a Bahia possui em alfaias de ouro e prata, tantas delas aqui executadas, a começar pelo sacrário e a urna de prata que se encontram na Igreja perpetuando os nomes dos Capitães Joaquim Alberto da Conceição Matos e João da Costa Campos; dificilmente compreende-se como um ofício tão malsinado pôde atravessar, triunfante, dois longos séculos de tenaz perseguição”.

Depois de focalizar, em pinceladas vigorosas, os arquivos artísticos das Irmandades do Santíssimo Sacramento, da Sé, da Concei-

ção da Praia, do Pilar, de São Pedro, da Ordem Terceira do Carmo, indaga:

“...se todo o vigor de leis iníquas, emanadas de um governo absoluto, não cessou o desenvolvimento da ourivesaria na Colônia, sem liberdade, sem direito à cultura, ao progresso, — onde teríamos chegado com liberdade, podendo empregar a riqueza das nossas minas até hoje inexgotáveis?”.

E pondera:

“Se havia prata para calçar cidades... e mãos hábeis no manêjo das forjas e do buril e, ainda sensibilidade e gôsto para engastar a pedraria abundante e colorida como a própria natureza de onde provinha!”.

Encerrando o I capítulo, apresenta, com a autoridade de seus 70 anos bem vividos, oportuna advertência a ser meditada por quem de direito:

“...Ontem, como hoje e sempre, o respeito às leis depende do equilíbrio dos legisladores que não se improvisam”.

Ainda um reparo. Com a humildade das pessoas realmente grandes, Marieta Alves, pesquisadora que nunca teve oportunidade de sair do Brasil, agradece mais de uma vez, a colaboração de amigas que lhe copiaram documentos em Portugal, pois como lembra muito bem, não se pode fazer história colonial sem se recorrer aos arquivos da mãe pátria. Tal insistência, tão rara em nossos dias — cuja tônica dominante é a ingratidão, a competição desleal e desairosa para muitos daqueles que operam no mesmo campo de trabalho — pode levar a supor que na Bahia não haja uma entidade promotora de intercâmbio de instrumentos de trabalho, como seja: o documento. Justifica-se que se abra um parêntesis, a fim de alertá-la e a outros interessados, a respeito de uma das mais eficientes secções da Reitoria da Universidade de São Paulo: o **Serviço de Documentação**, organizado e dirigido pelo Prof. O. G. Campliglia, que tem sua sede provisória na Avenida Vieira de Carvalho, 172 — 5.º andar, em São Paulo. Serviço vinculado à Federação Internacional de Documentação (FID), mantém ativo intercâmbio com cerca de 94 países e, mediante solicitação padronizada, está equipado para fornecer microfílm, cópias facsimilares e mesmo gravações, caso a documentação realmente exista, possa ser localizada e, conseqüentemente, abordada ainda. No arquivo do Serviço acima mencionado há séries preciosas de “slides” de monumentos históricos espalhados por todo o Brasil, microfílm cujo conteúdo vem sendo divulgado por excelente **Boletim** mantido pela própria secção e o que merece ênfase maior, pela amplitude e arrôjo na realização: tóda a **Exposição de História** comemorativa do IV Centenário da Cidade de São Paulo, com 263 documentos, alguns já copiados e ampliados, foram reproduzidos, microfilmados, reproduzidos nos documentos originais que, como não poderia deixar de ser, já retornaram aos arquivos ibéricos. Cumpre deixar bem claro que todos êsses instrumentos da mencionada Filmoteca, bem como instrumen-

tos outros, podem e estão sendo remetidos, mediante um sistema pré-estabelecido, a entidades culturais dentro e fora do País.

Retornando ao livro, cuja tentação é transcrevê-lo todo, justifica-se que se focalize um outro fato que reflete tanto uma invulgar qualidade de caráter, como a intuição de pesquisadora autêntica. À página 63, ao colocar o problema de identificação de uma âmbula de ouro de 1759, com a seguinte gravação:

“Donum Piae Matronae Joanae do Nascimento Deiesu Anno 1759”.

alinha algumas hipóteses de historiadores que abordaram o caso. Sem desmerecê-las ou criticá-las, informa, na página seguinte, que

“...o fio de Ariádne, no caso, foi um pedaço de papel, sem nenhuma importância aparente, mas contendo informações preciosas”.

E as transcreve *ipsis litteris*, para, tomando “o fio da meada”, identificar a Matrona D. Joana do Nascimento, que descobriu haver falecido a 1.º de março de 1789, como sendo mãe de Soror Josefa Clara de Jesus, autora do bilhete, pedra angular da interessante investigação. Nas notas focalizadas onde, além do problema histórico há interessantes observações sob o prisma artístico, especificamente os elementos do barroco ao lado dos símbolos da Paixão do Cristo, — não se consegue captar nenhuma insinuação sôbre quem teria encontrado o “fio de Ariadne”.

Sômente um número reduzido de pessoas tem ciência que o feliz término da pesquisa, acima focalizada, representa mais um serviço à historiografia prestado pela veneranda historiadora baiana. Além de colaborar em periódicos, em revistas especializadas, D. Marieta Alves é autora do livro: **História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia** (Cidade do Salvador. Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. 1948. 431 pp. ilustrado), cujo excepcional valor e unânime acatamento pela crítica a mais especializada consagrou, de maneira definitiva, sua atividade de historiador.

Esta realização representa apenas um episódio na vida de Marieta Alves. Os louros colhidos não a “aposentaram”, mas, pelo contrário, estimularam-na para uma outra aventura mais arrojada: a elaboração de uma biografia, em base documental, de Soror Joana Angélica, aquela mesma heroína que se sabe haver sido trucidada pelos soldados portugueses, à porta da clausura do Convento da Lapa, em 1822.

Dentro de um planejamento inicial, vem procurando ter em mãos a maior soma de documentos, abordados em fontes históricas dentro e fora de seu estado natal. Mesmo aqui em São Paulo esteve mais de uma vez. Todavia sua passagem não foi assinalada pela crônica social dos periódicos paulistanos. Mas os freqüentadores da secção histórica do Departamento do Arquivo do Estado e da Cúria Diocesana, do Convento da Luz e outros — logo tiveram oportunidade de identificar aquela senhora alta, delgada, de cabelos

prateados, olhar de frente e olhos bem azuis acentuados por óculos de lentes salientes, exigidos por uma afecção de catarata, operada recentemente, com êxito — uma autêntica vocação de pesquisadora.

Pois D. Marieta não se limitava a arrolar documentos referentes ao seu nôvo livro. Muito ao contrário. Trabalhadora infatigável não perdia tempo. Sentia-se que, pesquisadora das mais organizadas, estava sempre fichando assuntos outros, eventualmente relacionados com seus trabalhos de profissional. Além de escritora, historiadora, Marieta Alves é professôra emérita do Instituto Feminino da Bahia. Instituto cultural de assistência social *sui generis* no país, fundado e dirigido por esta outra invulgar educadora baiana que é D. Henriqueta Martins Catarino. Anualmente, em outubro, o Instituto promove uma exposição de marcante originalidade, visando trazer à tona, chamar a atenção, reverenciar elementos e peças os mais interessantes, como seja, entre outros, a “exposição do cristal”, a dos “paliteiros”, dos “biscuits”. Em 1959 o 36.º aniversário desse Instituto foi comemorado com uma “Exposição do Bronze”.

E os visitantes tiveram oportunidade de admirar peças de uma beleza imprevisível, tanto pelo lado artístico como também pelo contraste marcante, pois estavam colocadas lado a lado. Trabalhadas, confeccionadas, buriladas graças à maleabilidade, rigidez e sonoridade que individualiza o bronze.

Um outro motivo de perplexidade foi o opúsculo que, à maneira dos anos anteriores, a professôra Marieta Alves elabora e a Instituição oferece aos amigos e visitantes. Opúsculo em que, com invulgar capacidade de síntese, a autora evocou a história do aproveitamento do bronze pelo homem, remontando mesmo às primeiras citações da Bíblia. Até mesmo uma tônica filosófica ao parodiar a vibratibilidade do bronze com a própria vida humana.

Cumprê acentuar que êsse valioso trabalho revela, mais uma vez, sua constante preocupação com o artesanato. Seja alicerçada em passagem da Sagrada Escritura, onde aparece o nome de Hirão, natural de Tiro,

“...que trabalhava em bronze e era cheio de sabedoria, de inteligência e de ciências para fazer todo o gênero de obras de bronze”.

E continua destacando que:

“Salomão lhe confiou a execução das famosas colunas do pórtico do Templo, e os caldeirões e as panelas e as taças para o serviço da Casa do Senhor, tudo de bronze fino, fundido nos campos do Jordão”.

Tanto esta citação como o livro que está sendo comentado: **Mestres ourives de ouro e prata na Bahia Colonial**, faz pensar e repensar. Mais ainda. Faculta uma associação ao tema central do III Simpósio dos Professôres de História do Ensino Superior, que se realizará em Fortaleza, no mês de julho vindouro, com um tema geral sôbre: “Trabalhos artesanais, manufaturas e indústria”.

Ora, parece ponto pacífico admitir-se que o muito publicado por Marieta Alves, nesta linha preconizada pela comissão executiva da APUH, representa uma parcela mínima do que armazenou nes-

ses longos anos de busca sistemática nas fontes primárias recolhida aos arquivos. Assim sendo, Marieta Alves tem em mãos um tesouro de valor inexcedível e talvez, inatingível, inalcançável por aqueles que se disponham a abrir picadas na mesma direção. Basta querer manipulá-lo, vivificá-lo e estará na linha de frente, das comunicações preconizadas pelo III Simpósio. Não somente a erudita pesquisadora mas também todo o Núcleo Regional da Bahia ao qual, certamente, estaria vinculada.

E esta eventual prioridade baiana longe de constituir motivo de inveja, servirá e muito, de estímulo aos demais Núcleos Regionais, desejosos e capazes de produzir trabalhos tão oportunos e interessantes como: **Mestres Ourives de Ouro e Prata na Bahia Colonial**, de Marieta Alves.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES